

LIBERAL
AMAZONUse a câmera
do seu celular
para acessar
o conteúdo
multimídia.

CORNOTA/OLIBERAL



CASAS PARAENSES

RAIO QUE O PARTA: DE ARQUITETURA SEM VALOR A PATRIMÔNIO CULTURAL

FACHADAS - Com um curioso nome que mais parece uma ofensa, estilo caracterizado por mosaicos feitos com cacos de azulejos é uma adaptação local do modernismo

“**V**ÁDRIA AZEVEDO
Especial para
O Liberal

á para o raio que o parta!” é uma expressão que indica raiva e indignação, quando se quer mandar alguém para “bem longe”. Contudo, no Pará, e, principalmente, em Belém, pode significar algo bem diferente: um patrimônio cultural.

Trata-se de um estilo arquitetônico surgido em Belém, entre as décadas de 40 e 60, associado ao modernismo, movimento adotado na arquitetura da época. O Raio que o Parta buscava trazer os elementos do moder-

nismo às construções locais, com adaptações à realidade da região e sua assimilação pelas camadas mais populares.

Sua principal característica era o uso de cacos de azulejos coloridos, aplicados nas fachadas das casas, formando mosaicos, em geral com formatos geométricos. Muitos deles tinham formatos triangulares, lembrando o desenho de raios, mas também outras composições. O local preferencial de aplicação do painel eram as platibandas, prolongamentos da parede externa que escondem o telhado e acabam formando uma espécie de moldura da fachada da casa.

Por ser um um estilo arquitetônico tão característico da cida-

de, o Raio que o Parta se tornou Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial de Belém, em lei sancionada em novembro deste ano. Mas como surgiu esse movimento? E por que tem um nome que mais parece uma ofensa?

ADAPTAÇÕES

No âmbito da Arquitetura, o modernismo teve como uma de suas linguagens a construção de painéis compostos por azulejos. Athos Bulcão, Cândido Portinari e Burle Marx foram alguns dos artistas da época responsáveis por obras do tipo. Por isso, em Belém e outras cidades paraenses, arquitetos, engenheiros e sobretudo os próprios operários, como mestres de obra e pedreiros, resolveram incorporar a tendência em suas construções, mas com algumas particularidades.

De acordo com Laura Costa, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universi-

dade Federal do Pará (FAU/UFPA), não se sabe exatamente quando o estilo começou a ser utilizado, mas a estimativa é que tenha sido entre os anos 40 e 50 do século passado. “Em Belém e municípios do interior, nessa época, já havia casas que remetiam a algo mais futurista e que se apropriavam de elementos do modernismo, como colunas inclinadas, telhados invertidos, dutos de ventilação, uso de cobogós coloridos, além dos painéis coloridos de azulejos nas fachadas, muitas vezes formando desenhos geométricos e até de plantas e animais”, diz a docente.

A arquiteta Gabrielle Arnour, uma das componentes da Rede Raio que o Parta, que busca mapear e preservar esse patrimônio, explica como o modernismo ganhou adaptações regionais. “O modernismo foi um estilo arquitetônico amplamente produzido por engenheiros e arquitetos e, na maioria das vezes, era muito restrito às elites locais. Mas, aqui, ele contou com a inserção da camada popular, em um anseio de modernizar as casas de acordo com a linguagem arquitetônica do período”, detalha.

Nessa busca pela tendência do momento, duas coisas aconteceram. A primeira delas é que surgiu a primeira faculdade de arquitetura no estado, formando arquitetos que já pensavam em construções modernas mais regionalizadas. “A segunda é que, por conta da nossa localização geográfica, os azulejos, transportados por longas distâncias pelas estradas, muitas vezes chegavam quebrados. E esses cacos, mesmo avariados, eram incorporados nas edificações para compor os painéis. Essas casas eram projetadas por arquitetos e engenheiros, mas quem de fato botava a mão na massa e produzia esses painéis eram os mestres de obras e pedreiros. Então, houve essa difusão entre a camada popular, com um material que era de fácil acesso”, explica.

Laura complementa que o Raio que o Parta incorporou características da arquitetura moderna, mas mantendo relações com técnicas construtivas e soluções espaciais mais tradicionais. “Por isso, chamamos de arquitetura híbrida: ela combina o saber vernacular [conhecimento prático, popular e local] e as referências modernas”, destaca.



Umadas moradoras de um exemplar de Raio que o Parta consciente sobre a necessidade de preservação é a designer Danielle Fonseca. A casa de sua família, no bairro do Umarizal, em Belém, ostenta o mural desde os anos 60. “A construção original é de 1893, mas, na década de 60, minha bisavó Leonor teve a iniciativa de modernizar a casa, com o Raio que o Parta. Ela queria entrar na tendência da época”.

One of the residents of a Raio que o Parta house who is aware of the importance of preservation is designer Danielle Fonseca. Her family's home, located in the Umarizal neighborhood in Belém, has featured the mural since the 1960s. “The original building dates back to 1893, but in the 1960s my great-grandmother, Leonor, took the initiative to modernize the house with Raio que o Parta. She wanted to follow the trend of the time.”

is uncertain When exactly the style started to be adopted, but it is estimated to have emerged between the 1940s and 1950s. “In Belém and in the municipalities in the (state) interior, during that period, there were houses that already evoked a more futuristic aesthetic and appropriated elements of modernism, such as inclined columns, inverted roofs, ventilation ducts, the use of colorful cobogós as well as colorful ceramic tile panels on facades, often forming geometric designs and even representations of plants and animals,” explains the professor.

Architect Gabrielle Arnour, a member of the Raio que o Parta Network, an initiative dedicated to mapping and preserving this heritage, explains how modernism acquired regional adaptations. “Modernism was an architectural style largely produced by engineers and architects and, in most cases, restricted to local elites. Here, however, it incorporated popular social strata, driven by a desire to modernize houses in accordance with the architectural language of the period,” she explains.

In the pursuit of the trend of the moment, two facts took place. The first was the establishment of the state's first school of Architecture, which trained architects already inclined toward more regionally grounded modern constructions. “The second is that due to our geographic location, ceramic tiles transported over long distances by road often arrived broken. These fragments, even when damaged, were incorporated into buildings to compose the panels. Although these houses were designed by architects and engineers, it was the master builders and bricklayers who actually carried out the work and produced the panels. As a result, this practice spread among popular social strata, using a material that was readily accessible”, she explains.

Laura adds that Raio que o Parta incorporated characteristics of modern architecture though keeping connections with more traditional construction techniques and spatial solutions. “That is why we refer to it as a hybrid architecture: it combines vernacular knowledge [practical, popular, and local know-how] with modern references,” she emphasizes.



PARÁ HOUSING

“Raio que o Parta”: from valueless Architecture to cultural heritage

FACADES - With a curious name that sounds more like an insult, this style characterized by mosaics made from broken tile fragments, is a local adaptation of modernism.

ÁDRIA AZEVEDO
Especial for O Liberal. Translated by Lucas Araújo, Sílvia Benchimol and Ewerton Branco

Belém, it may mean something quite different: a form of cultural heritage.

It is an architectural style that emerged in Belém between the 1940s and 1960s, associated with modernism, a movement widely adopted in the architecture of the period. Raio que o Parta sought to incorporate modernist elements into

local constructions, adapting them to regional realities and enabling their assimilation by more popular social strata.

Its main characteristic was the use of colorful ceramic tile fragments applied to house facades, forming mosaics, generally with geometric patterns. Many of these fragments took on triangular shapes, evoking the image of lightning bolts, though other compositional arrangements were also employed. The preferred location for the application of these panels was the parapets, extensions of the exterior wall that conceal the roof and ultimately function as a kind of framing element for the house facade.

Because it is such a distinctive architectural style of the city, Raio que o Parta was recognized as Intangible Cultural Heritage of Belém by means of a law enacted in November, 2025. But how did

this movement emerge? And why does it bear a name that sounds more like an insult?

ADAPTATIONS

Within the field of Architecture, the modernism movement adopted, among its visual languages, the construction of panels composed of ceramic tiles. Athos Bulcão, Cândido Portinari, and Burle Marx were among the artists of the period responsible for works of this type. For this reason, in Belém and other cities in Pará, architects, engineers, and especially workers such as master builders and bricklayers chose to incorporate this trend into their constructions, with certain particularities.

According to Laura Costa - Professor at the School of Architecture and Urbanism of the Federal University of Pará (FAU/UFPA), It

A ORIGEM DO NOME

Segundo Laura Costa, que pesquisa o Raio que o Parta, o nome foi identificado em textos de arquitetos, escritos nos anos 60 e 70, que usam a expressão de forma depreciativa. “Era uma forma de expressar a opinião negativa que eles tinham sobre essas obras, chamando-as de ‘arquitetura raio que o parta’ ou ‘mar de vulgaridade’, já que foram criadas por mestres de obras, pedreiros e não técnicos, incluindo os próprios moradores das casas”, conta.

Já Gabrielle Arnour afirma que existem várias versões sobre o surgimento do nome. “A mais amplamente difundida é que o termo foi dado por um arquiteto do Rio de Janeiro, em uma das vindas a Belém para debater a arquitetura que acontecia no estado, na recém-criada faculdade. Muitos dizem que teria sido Donato Mello Júnior, que teria dito que aquilo ‘não era arquitetura nem no raio que o parta’. A partir disso, o nome ‘pegou’, até por casar com as características do movimento em si, que trazia, muitas vezes, desenhos de raios e setas. Mas, hoje em dia, esse sentido pejorativo foi ressignificado”, lembra.

CARACTERÍSTICAS

Laura é uma das autoras do livro “Raio que o Parta - Uma arquitetura

marcante no Pará”, obra que traz 15 anos de estudos sobre o assunto do Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural (Lamemo) da UFPA e de pesquisas da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da mesma universidade.

Segundo a docente, como o Raio que o Parta é uma arquitetura feita tanto por técnicos quanto por não técnicos, são encontradas características bastante distintas. “Vão desde o uso da taipa de mão até o concreto como técnica construtiva. Mas, em comum, as casas possuem, na fachada, desenhos de raios ou outras formas figurativas, que podem ser feitas com o mosaico de azulejo e, em alguns casos, a partir do próprio cimento, como é bastante comum nos exemplares de Bragança, interior do Pará”, aponta.

As pesquisas também indicaram o uso de certas cores. “Elas correspondem ao que era comercializado na época, geralmente em tons vibrantes de azul, lilás, rosa, amarelo, vermelho, verde e preto. Quando colocadas lado a lado em tamanhos diferentes, formam painéis que ornaram muitas fachadas que não passam despercebidas por quem anda pelas ruas de Belém”, completa a pesquisadora.

Estilo se difunde para o interior

Apesar de ser encontrada mais facilmente em Belém, a arquitetura Raio que o Parta não ficou restrita à capital do Pará. “Temos registros no Marajó, principalmente em Soure e Salvaterra; em Santarém; em Igarapé-Miri e Abaetetuba; e um registro em Ananindeua. A gente percebe que foi um movimento amplamente difundido pelo estado do Pará e, por meio das redes sociais, acabamos descobrindo exemplares também no Rio de Janeiro, em Recife (PE), na Bahia e em São Paulo. A gente não consegue explicar, mas há algumas suposições de que essas casas eram de moradores paraenses que migraram para esses locais”, conta Gabrielle.

Já as pesquisas realizadas pela UFPA aponta-

ram mais cidades ainda. “Nas minhas pesquisas, durante o mestrado e doutorado em Arquitetura pela UFPA e como integrante do Lamemo, pude identificar exemplos em Abaetetuba, Igarapé-Miri, Bragança, Cametá, Soure, Salvaterra e Santarém, mas também há registros de casas em Óbidos e Santo Antônio do Tauá. A cada dia, descobrimos outro município paraense que tem seu exemplar. Inicialmente, nossa hipótese era de que o Raio que o Parta era exclusivo do Pará, mas, hoje já se conhecem obras similares no Nordeste e Sudeste do Brasil. Inclusive, já soubemos de construções na Venezuela que incorporam desenhos muito parecidos ao que é feito por aqui”, diz Laura.



Segundo Laura Costa, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPA, não se sabe exatamente quando o estilo começou a ser utilizado, mas a estimativa é que tenha sido entre os anos 40 e 50 do século passado

According to Laura Costa - Professor at the School of Architecture and Urbanism of the UFPA, it is uncertain when exactly the style started to be adopted, but it is estimated to have emerged between the 1940s and 1950s



The Origin of the Name

According to Laura Costa, who researches Raio que o Parta, the name was identified in texts written by architects in the 1960s and 1970s, who use the expression in a pejorative manner. “It was a way of expressing the negative opinion they had about these works, referring to them as ‘raio que o parta architecture’ or a ‘sea of vulgarity,’ since they were created by master builders, bricklayers, and other non-specialists, including the homeowners themselves,” she explains.

Architect Gabrielle Arnour, in turn, states that there are several versions regarding the origin of the name. “The most widely circulated account is that the term was coined by an architect from Rio de Janeiro during one of his visits to Belém to discuss the architectural production in the state, at the recently established school of Architecture. Many claim it was Donato Mello Júnior, who allegedly remarked that it ‘was

not architecture, not even in the raio que o parta [in hell!]. From that point on, the name stuck, not least because it matched the movement’s own characteristics, which often featured lightning bolt and arrow motifs. Today, however, this pejorative meaning has been re-signified,” she recalls.

CHARACTERISTICS

Laura is one of the authors of the book Raio que o Parta - Uma arquitetura marcante no Pará, [Raio que o Parta - A striking architectural style in Pará], a work that brings together fifteen years of research on the subject conducted by the Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural - (Lamemo) [Laboratory of Memory and Cultural Heritage] at UFPA, as well as studies developed by the School of Architecture and Urbanism and the Graduate Program in Architecture and Urbanism at the same university.

According to the Professor, because Raio que o Parta is an archi-

tectural form produced by both trained professionals and non-specialists, a wide range of characteristics can be identified. “These range from the use of taipa de mão (wattle and daub) to concrete as a construction technique. What these houses share, however, is the presence on their facades of lightning motifs or other figurative forms, which may be created using ceramic tile mosaics or, in some cases, directly from cement, as it is quite common in examples found in Bragança, in the interior of the state of Pará,” she notes.

The research also indicated the use of specific colors. “These corresponded to what was commercially available at the time, generally in vibrant shades of blue, lilac, pink, yellow, red, green, and black. When arranged side by side in different sizes, they form panels that adorn many facades and do not go unnoticed by those walking through the streets of Belém,” the researcher adds.

The Spread of the Style to the State Interior

Although it is more commonly found in Belém, Raio que o Parta Architecture was not confined to the capital of Pará. “We have records in the Marajó region, especially in Soure and Salvaterra; in Santarém; in Igarapé-Miri and Abaetetuba; and one occurrence in Ananindeua. We can see that it was a movement widely disseminated throughout the state of Pará, and, via social media, we have also identified examples in Rio de Janeiro, Recife (PE), Bahia,

and São Paulo. We cannot fully explain this spread, but there are some assumptions that these houses belonged to residents from Pará who migrated to those locations,” Gabrielle explains.

Investigations conducted by UFPA have identified an even larger number of cities. “In my research, carried out during my master’s and doctoral studies in Architecture at UFPA and as a member of Lamemo, I was able to identify examples in Abaetetuba, Igarapé-Miri, Bragança,

Cametá, Soure, Salvaterra, and Santarém. There are also records of houses in Óbidos and Santo Antônio do Tauá. Every day, we discover another municipality in Pará that has its own example. Initially, our hypothesis was that Raio que o Parta was restricted to Pará; however, similar works are now evidenced in the Northeast and Southeast of Brazil. There are even reports of buildings in Venezuela that incorporate designs very similar to those produced here,” says Laura.

ARQUITETURA DA CAMADA POPULAR

Para Gabrielle Arnour, o reconhecimento do Raio que o Parta como patrimônio cultural de Belém foi muito importante. “Até então, não havia nenhum tipo de reconhecimento ou política pública voltada para ele. E pouco se vê o debate acerca da arquitetura produzida pela camada popular do nosso estado, que moldou parte da história arquitetônica da nossa região. Então, esse é um primeiro passo para que a gente consiga de fato proteger esses exemplares, para que não haja mais apagamentos que vêm sendo recorrentes nos últimos anos, com a retirada dos mosaicos ou mesmo reconstrução total da fachada da casa”, alerta.

Laura Costa também

elogia o reconhecimento e a ressignificação do movimento, que antes era algo visto como sem valor. “Hoje, há um grupo de jovens arquitetos, artistas e designers que vem exaltando a importância dessa manifestação para a cultura arquitetônica paraense. Acredito que foi um fator que contribuiu para o movimento que culminou no reconhecimento em nível municipal. Mas acredito que ele deve caminhar lado a lado com um trabalho de educação patrimonial, que consiste na transmissão, junto a moradores e proprietários, do conhecimento e da importância do Raio que o Parta para a memória e a história da arquitetura paraense, para que haja a conservação dessas casas”, sugere.

Moradora produz filme sobre o estilo

Uma das moradoras de um exemplar de Raio que o Parta consciente sobre a necessidade de preservação é a designer Danielle Fonseca. A casa de sua família, no bairro do Umarizal, em Belém, ostenta o mural desde os anos 60. “A construção original é de 1893, mas, na década de 60, minha bisavó Leonor teve a iniciativa de modernizar a casa, com o Raio que o Parta. Ela queria entrar na tendência da época e viu que as casas estavam seguindo esse padrão, coloridas, e por isso mandou fazer. Então, nossa casa deixou de ser colonial e se tornou modernista”, relata.

Até a década de 90, Danielle não sabia que morava em um exemplar do movimento. “Foi um amigo, o Jorge Eiró, artista visual e arquiteto, que, ao passar pela minha casa, contou um pouco sobre a história e até deu uma aula para uma de suas turmas na frente dela. A partir daí, aprendi e me interessei sobre o tema”, conta.

Danielle se envolveu tanto que acabou produzindo um filme curta-metragem sobre o assunto. “Se chama ‘Um céu partido ao meio’, por conta do nome pejorativo dado ao movimento, por cacos que se partem. O filme foi encomendado para a comemoração dos cem anos da Semana de Arte Moderna Brasileira, em 2022. A obra busca divulgar o modernismo da Amazônia, com um pouco de poética”, esclarece.

Danielle garante que ela e sua família pretendem

conservar o patrimônio. “Com certeza, vamos manter e preservar. Tenho muito orgulho do que minha bisavó fez e preservar isso é preservar a memória, não só da família, mas também da cidade”, pontua.

EM REDE

A Rede Raio que o Parta, idealizada por Gabrielle, junto com as também arquitetas Elis Almeida e Eliza Malcher, surgiu em 2020, a partir da inquietação com apagamentos de alguns exemplares de Raio que o Parta na cidade. “Aquilo nos incomodou de tal forma que decidimos catalogar e registrar fotograficamente os exemplares de Raio que o Parta em Belém. Caminhamos, conversamos com moradores, e a maioria não sabia que morava em um exemplar. Já conseguimos mapear mais de 200 casas, de maneira colaborativa, não apenas em Belém. Estão todos no nosso Instagram. Nosso primeiro projeto foi criar uma cartilha sobre o tema e hoje fazemos palestras, oficinas, formações, bate-papos e oficinas de mosaico que remetam ao Raio que o Parta”, enumera Gabrielle.

“A gente se denomina rede porque nossa intenção é justamente tecer conexões entre moradores, profissionais e todas as pessoas que têm interesse em difundir a importância desse movimento. É uma forma de manter viva essa linguagem estética tão característica da nossa cidade”, conclui a arquiteta.



FCOR.MOTA/OLIBERAL

“O modernismo foi um estilo arquitetônico amplamente produzido por engenheiros e arquitetos e, na maioria das vezes, era restrito às elites locais. Mas, aqui, ele contou com a inserção da camada popular”, conta a arquiteta Gabrielle Arnour, da Rede Raio que o Parta.

“Modernism was an architectural style largely produced by engineers and architects and, most of the time, was restricted to the local elites. But here, it included the popular class,” says architect Gabrielle Arnour, from Rede Raio que o Parta.

Popular Architecture

For Gabrielle Arnour, the recognition of Raio que o Parta as part of Belém’s cultural heritage was extremely important. “Until then, there was no form of recognition or public policy focused on it. There is also very little discussion about architecture produced by the popular classes in our state, even though it has shaped part of the region’s architectural history. Therefore, this recognition represents a first step toward effectively pro-

tecting these examples, so that further forms of erasure, such as the removal of mosaics or even the complete reconstruction of house facades, which have become increasingly common in recent years, do not continue to occur” she warns.

Laura Costa also welcomes the recognition and the renewed appreciation of a movement that was once dismissed as having little value. “Today, a group of young architects, artists, and

designers highlights the importance of this expression for Pará’s architectural culture. I believe this helped the movement to achieve recognition at the municipal level. But this process needs to go hand in hand with heritage education, sharing knowledge with residents and property owners about the importance of Raio que o Parta to the memory and history of Pará’s architecture, so these houses can be preserved,” she says.

Local resident produces a film about the architectural style

One of the residents of a Raio que o Parta house who is aware of the importance of preservation is designer Danielle Fonseca. Her family’s home, located in the Umarizal neighborhood in Belém, has featured the mural since the 1960s. “The original building dates back to 1893, but in the 1960s my great-grandmother, Leonor, took the initiative to modernize the house with Raio que o Parta. She wanted to follow the trend of the time and noticed that houses were adopting this colorful style, so she had it done. As a result, our house stopped being colonial and became modernist,” she recalls.

Until the 1990s, Danielle did not know that she was living in an example of the movement. “It was a friend of mine, Jorge Eiró – a visual artist and architect – who, while passing by my house, told me a bit about its history and even delivered a class to one of his groups right in front of it. From then on, I learned about the subject and became interested in it,” she says.

Danielle became so involved that she ended up producing a short film on the subject. Titled Um céu partido ao meio [A Sky Split in Two], the film refers to the pejorative name given to the movement, associated with the idea of fragments breaking apart. The film was commissioned to celebrate the centenary of the Brazilian Modern Art Week in 2022. The work seeks to promote Amazonian modernism through a poetic approach, she explains.

Danielle assures that she and her family intend to preserve the heritage. “We will certainly maintain and protect it. I am very proud of what my great-grandmother accomplished, and preserving this means preserving memory, not only that of the family, but also that of the city,” she emphasizes.

NETWORK

The Raio que o Parta Network, conceived by Gabrielle together with fellow architects Elis Almeida and Eliza Malcher, emerged in

2020 out of the concern towards the erasure of some examples of the Raio que o Parta architecture in the city. “This situation bothered us so much that we decided to catalogue and photographically document Raio que o Parta buildings in Belém. We walked around, talked to residents, and most of them did not know they were living in such an example. We have already managed to map more than 200 houses in a collaborative way, not only in Belém. They are all available on our Instagram. Our first project was to create an informational booklet on the topic, and today we give lectures, workshops, training sessions, manage discussion groups, and mosaic workshops that refer to Raio que o Parta,” Gabrielle explains.

“We call ourselves a network because our intention is precisely to weave connections among residents, professionals, and everyone interested in spreading the importance of this movement. It is a way of keeping this aesthetic language so characteristic of our city alive,” the architect concludes.

PARCERIA INSTITUCIONAL

A produção do Liberal Amazon é uma das iniciativas do Acordo de Cooperação Técnica entre o Grupo Liberal e a Universidade Federal do Pará. As reportagens que envolvem pesquisas e estudiosos da UFPA são revisadas por profissionais da academia. A tradução do conteúdo é também realizada pelo acordo, através do projeto de pesquisa ET-Multi: Estudos da Tradução: multifaces e multisemiotoses.



INSTITUTIONAL PARTNERSHIP

The production of Liberal Amazon is one of the initiatives of the Technical Cooperation Agreement between the Liberal Group and the Federal University of Pará. The articles involving research from UFPA are revised by professionals from the academy. The translation of the content is also provided by the agreement, through the research project ET-Multi: Translation Studies: multi-faces and multisemiotics.